

Linguagem e responsividade em *Desenredo*¹

Sandra Mara Moraes Lima

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: O trabalho analisa o conto *Desenredo*, de Guimarães Rosa, apresentando uma reflexão sobre a linguagem tendo em vista o processo de representação/criação do mundo e seu caráter axiológico. O objetivo é demonstrar como o conto aponta para questões fundamentais da linguagem humana no que diz respeito ao processo dialógico, revelando a linguagem como possibilidade única de concretização de um sujeito no ato discursivo em que inexoravelmente assume um tom, uma posição e evidencia uma responsividade, uma autoria. Fundamenta-se na perspectiva da análise dialógica do discurso concebida pelo Círculo bakhtiniano apresentando ainda teóricos como Émile Benveniste e outros.

Palavras-chave: linguagem; dialogismo; responsividade.

Abstract: The text analyzes the tale *Desenredo* by Guimarães Rosa, presenting a reflection on language with respect to the process of representation/creation of the world and its axiological character. The objective is to demonstrate how the tale points to questions which are fundamental in the process of the human language related to the dialogic process, revealing the language as the only possibility of materializing the subject in the discursive act that inexorably takes a tone, a position and shows responsibility, an authorship. The theoretical perspective is the dialogical analysis of discourse conceived by the Bakhtin Circle as well as authors such as Emile Benveniste.

Keywords: language; dialogism; responsibility.

1. Recebido em 20/05/2011. Aprovado em 05/10/2011.

Riassunto: Il lavoro analisa Il racconto *Desenredo*, di Guimarães Rosa, apresentando uma reflexão sobre o processo de representação/criação do mundo e suas características. O objetivo é demonstrar como o conto aponta para as questões fundamentais do processo dialógico, revelando o processo como possibilidade singular de concretização de um sujeito no ato discursivo inelutavelmente assume um tom, uma posição e evidencia uma responsabilidade, uma autoria. Se fundamenta na perspectiva da análise dialógica do discurso concebida por Mikhail Bakhtin apresentando também teóricos como Émile Benveniste e outros.

Parole chiave: linguagem; dialogismo; responsabilidade.

O trabalho de leitura e pesquisa aqui empreendido caminha na direção de uma análise dialógica do discurso que, a princípio, toma como referência o texto, em sua concretude e materialidade, para assim penetrar o seu tecido e construir sentidos a partir do que essa tessitura propõe, pois “não há categorias, *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto.” (Brait 2006: 14).

Nessa concepção, partindo do conto de Rosa, a proposta é efetuar uma análise, apresentando uma reflexão acerca da dimensão da linguagem no processo de constituição do sujeito e de construção/criação de mundo num processo que implica necessariamente uma resposta responsiva, responsável, sem *álibi*, caracterizando uma autoria.

Desenredo inicia anunciando uma situação de interlocução bastante significativa: “Do narrador a seus ouvintes: [...]” (Rosa 1969: 14)². Isso pressupõe uma situação de interlocução, uma conversa, uma história contada a uma suposta platéia, trazendo um enunciado concreto cujo desenrolar apontará com grande maestria, própria de Guimarães Rosa, para o universo grandioso e fascinante da linguagem e da língua e, portanto, do ser humano.

2. Nas demais citações do conto constará apenas o número da página.

No conto, o narrador em terceira pessoa narra a história de Jó Joaquim, que se apaixona por Lívia, Rivília ou Irlívia, uma mulher casada, extremamente volúvel e infiel. Após saber de um terceiro amante e que o marido a pegara em flagrante, Jó Joaquim, desconsolado, decide se afastar, mas Lívia, Rivília ou Irlívia fica viúva e Jó Joaquim, apaixonado, não resiste e casa-se com ela, que passa então a traí-lo. Apanhando-a em adultério, Jó Joaquim expulsa a mulher, que viaja fugida para destino desconhecido. Em seguida, Jó, inconformado com a falta da amada: “suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas.” (p. 39), começa a fazer uma campanha para modificar a imagem da mulher, dizendo a todos, todo o tempo, que ela nunca tivera amantes, que era pura, fiel, inocente. Nessa obstinação constrói, para si e para os demais, uma outra mulher. Todos acreditam e até ela, longe, sabendo de sua inocência, se convence e, para fazer jus à fama, retorna amorosa aos braços de Jó Joaquim com quem vive feliz para sempre. No final do conto surge a sentença: “E pôs-se a fábula em ata.” (p.40).

Segundo Benveniste (1988), uma das características capitais da linguagem humana, que a distingue da linguagem animal, é a possibilidade do diálogo, da resposta. Ou seja, a linguagem humana é uma atividade, uma atuação em relação ao outro que produzirá sempre resposta. Não se trata apenas de formular um símbolo que remete a um dado real, mas de relacionar-se, interagir. Mais do que representar a realidade, trata-se de criar uma realidade. Essa criação de uma dada realidade produzirá respostas, o dito a respeito do que alguém disse, característica que não se observa nos estudos feitos sobre a linguagem dos animais, mesmo naquelas consideradas bem sofisticadas, como é o caso da das abelhas, por exemplo, que possuem um sistema de comunicação bastante preciso, mobilizando signos que remetem a uma certa realidade e que são compartilhados e válidos no interior de um grupo, apresentando certo simbolismo, ainda que rudimentar. No entanto não há diálogos entre as abelhas, há apenas reação a partir de um dado comunicado.

A abelha não constrói uma mensagem a partir de uma outra mensagem. Cada uma das que, alertadas pela dança da primeira,

saem e vão alimentar-se no ponto indicado, reproduz quando volta a mesma informação, não a partir da primeira mensagem, mas a partir da realidade que acaba de comprovar. (Benveniste 1988: 65).

Sendo assim não existe, na linguagem animal, pelo menos de acordo com o que foi constatado até então, uma resposta, um diálogo, um dizer a partir do que o outro disse – no mundo animal não há fofoca. Cabe considerar aqui que a resposta como afirma Bakhtin/Volochinov (1988), se estabelece sempre que o sujeito produz uma compreensão a respeito do dito de alguém, de alguma situação discursiva, uma circunstância. Nesse sentido, toda palavra dita, pensada, pronunciada, é sempre resposta. O conto de Rosa versa brilhantemente sobre essa nossa capacidade de dar respostas, de dialogar sobre o que foi visto, dito, experienciado.

O final do conto traz a sentença “E pôs-se a fábula em ata” (p. 40). Aqui é pertinente relembrar os conceitos de fábula e ata, gêneros que expressam pontos distintos, formas diversas de enquadramento de uma dada realidade. Fábula expressa exatamente essa propriedade da linguagem humana de criar uma realidade, demonstrando não a representação do mundo real, dado, mas a criação do mundo. Isso porque a fábula, estória curta e simples, se destina a ensinar uma moral – o que só pode mesmo ser de ordem discursiva, pois a construção dos princípios morais está longe de remeter a uma realidade concreta, dada – e, ainda, é um gênero que traz lendas e mitos que transcendem ao mundo real, experienciado concretamente, por assim dizer. O termo ata, registro escrito do que se passou numa sessão ou numa cerimônia, dando ao evento o valor de verdade, também expressa esse universo da linguagem que vai muito além de comunicar, de representar o mundo, mas é, principalmente, uma atuação, uma inserção, uma possibilidade de transformar, instituir lugares e valores, caracterizando, também, o caráter axiológico e ideológico da linguagem.

Considerando esse aspecto da linguagem e o desenrolar do conto de Rosa, convém discorrermos sobre o ponto de vista de Bakhtin/Volochinov (1988)

quando atestam que o que constitui a consciência e organiza o pensamento é a linguagem, de modo que não há atividade mental sem expressão semiótica e que, portanto, é preciso eliminar a tese de uma distinção entre o conteúdo interior e a expressão exterior e que o centro organizador dessa expressão situa-se não no interior, mas no exterior.

Bakhtin destaca o aspecto sócio-histórico-ideológico como sendo determinante para a realização do ato discursivo. Sendo assim o mundo interior é constituído a partir das vozes sociais que compõem o universo do sujeito: “a consciência individual é um fato sócio-ideológico.” (1988: 35).

Nesse enfoque, qualquer reflexão sobre a linguagem terá de considerar a impossibilidade de separação entre uma expressão e o seu caráter sócio-ideológico, uma vez que a expressão é fruto de uma consciência que não deriva da natureza, mas é constituída a partir de um *auditório social*: “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais.” (1988: 35).

Dessa maneira, analisar as ações humanas significa analisar a linguagem e *vice-versa*, considerando os valores instituídos e estabelecidos através dessa linguagem, tendo em vista ainda que essa interação se realiza no ato discursivo, com enunciados concretos, sejam eles verbais ou não. Nesse caso, aqui focalizando a linguagem verbal, a palavra, a despeito da redundância, reiteramos, ainda uma vez, seu caráter ideológico: “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.” (1988: 36), embora seja ela também um signo neutro, pois uma mesma palavra pode situar-se em diferentes campos semânticos ideológicos, ela “Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa.” (Bakhtin 1988: 37). Desse modo a palavra, seja como for empregada, carregará em si um caráter sócio-ideológico e será o “[...] material semiótico da vida interior, da consciência (discurso interior).” (Bakhtin 1988: 38). E, ainda que a palavra não possa substituir os demais signos (não-verbais), ela lhes dá apoio e acompanha-os, de modo que nenhum signo verbal ou não-verbal está isolado quando dotado de sentido. “A consciência tem o poder de abordá-lo verbalmente.” (Bakhtin 1988: 38). O que significa dizer que o elemento essencial de constituição da

consciência, que possibilita uma interiorização e uma elaboração ou atividade mental é a palavra que “[...] está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.” (Bakhtin 1988: 38).

Nessa direção, retomando os conceitos de fábula e ata, veremos como a teoria da linguagem que aqui se coloca se revela no conto rosiano. Fábula e ata são dois gêneros que expressam instâncias bem distintas na língua. A fábula é algo fantasioso, que vai além da realidade concreta. A ata, ao contrário, é um gênero que tem como objetivo expressar uma realidade com um atestado de veracidade, algo documental, legal. É a expressão, ou pretende ser, da realidade concreta, imediata, comprovada, a que se pode dar crédito. “E pôs-se a fábula em ata.” (p.40). Dessa forma o conto termina como que irmanando dois gêneros distintos apontando para esse caráter da linguagem humana enquanto criadora de realidades, de verdades, e, conseqüentemente, de mundo remetendo ao caráter constitutivo da linguagem no que diz respeito ao estabelecimento da constituição de consciências, em que somos formatados grandemente pela linguagem e, sobretudo, pela palavra instituída socialmente com seus acentos e sentidos, que *a priori* estão nos domínios de outrem, servindo a interesses de outrem.

O que seria pôr a fábula em ata? Seria forçar a instituição de valores e sentidos de uma instância a outra, isto é, colocar como verdade, realidade concreta, comprovada, o que até então era de uma dimensão que transcendia o real concreto. Forçar à legalidade uma realidade até então fantasiosa, o desejo de Jó Joaquim de mudar o enredo de sua estória de amor. A fronteira entre verdade e fantasia é algo difícil, senão impossível, de ser estabelecida, uma vez que, embora havendo uma realidade de consenso, na perspectiva bakhtiniana, a verdade não é uma categoria universal, anterior, pré-existente; ela se dá no processo de experimentar, experienciar e pensar o mundo que se concretiza no ato discursivo, promovendo a construção dos sentidos, das verdades, dos reais. A verdade do sentido se constrói na relação e é sempre vinculada à ação participativa e interessada dos sujeitos. Isso significa dizer que sempre que se instaura um sentido, uma verdade, uma realidade pensada, tem-se ali um posicionamento, um interesse, um valor, uma ideologia. O real

é dado na instauração de um posicionamento do sujeito que se expressa numa entonação, numa assunção de determinados valores. Esse posicionamento valorativo, se assim se pode dizer, não é determinado por uma categoria objetiva e universalmente válida *a priori*, se dá na experimentação, no ato discursivo que coaduna o mundo dado e o mundo apreendido. Em outras palavras, a realidade não é nada, só vem a ser alguma coisa no momento em que é dita, pensada. Assim, o mundo humano não é um mundo apenas dado naturalmente, mas construído a partir das inserções realizadas por sujeitos situados social e historicamente.

O conto de Rosa demonstra como os sentidos são estabelecidos e os valores instituídos de acordo com as relações e os interesses que permeiam essas relações. O protagonista do conto embarca na tentativa de criar outra imagem para a mulher amada e, nesse afã, “Jó Joaquim, genial, operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada, realidade, mais alta.” (p.40).

O processo de organizar o mundo e nutri-lo de sentido se dá no ato discursivo, na resposta dada ao mundo através da linguagem, como veremos mais adiante. E essa linguagem promove um mundo sempre a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as ideologias, as relações socialmente organizadas, que por sua vez serão determinantes na constituição do sujeito que se colocará, pensará o mundo, não de maneira fortuita, mas vinculado ao fator social. Obviamente aí se estabelece a tensão, o conflito na arena dos discursos. A construção de todo sentido e “verdade” é, assim, sempre forjada a partir de interesses e intenções, sejam eles individuais ou coletivos.

Desse ponto de vista, a leitura do real possibilitará sempre a singularidade do olhar do sujeito de acordo com sua perspectiva e necessidade e em função do modo de inserção nesse real. “O que na vida, na cognição e no ato, chamamos de objeto definido, só adquire determinidade na nossa relação com ele: é nossa relação que define o objeto e sua estrutura e não o contrário; [...]” (Bakhtin 2010: 04).

Assim, pode-se dizer que a apreensão do real, a construção do sentido, é sempre relativa, no entanto há uma realidade de consenso instituída pela linguagem. A linguagem a cria para nós, impondo-a, e ao mesmo tempo nos confere poder sobre o mundo. O conto de Rosa acentua o poder da linguagem enquanto criadora de mundo e de poder de transformação e reelaboração do real.

Livíria, Rivília, Irlívia, Vilíria, a amada de Jó Joaquim, com sua variação de nome, é a metáfora da palavra com seus radicais e afixos, que se metamorfoseia de acordo com o contexto, Tendo ora um significado, ora outro. A palavra polissêmica, volúvel, moldável, que anda nas bocas e vai estabelecendo sentidos vários, atendendo aos interesses de seus interlocutores. A palavra, mesmo tendo uma unicidade, pode ter tantas significações possíveis quantos contextos possíveis (Bakhtin/Volochinov 1988).

Essa mobilidade específica da palavra que traz uma exigência de decodificação, acompanhada de uma noção axiológica, de estabelecimento de valores, expresso em suas entonações apreciativas, é para Bakhtin e seu círculo o que caracteriza o signo, diferenciando-o de um sinal. Nesse sentido, a palavra, enquanto signo, carrega uma *orientação apreciativa* e pressupõe sempre duas consciências, o que promoverá sempre uma resposta, pois a compreensão em si é uma resposta, e uma resposta saturada de valores sociais:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (Bakhtin/Volochinov 1988: 95).

Segundo, ainda, Bakhtin/Volochinov (1988), a palavra possui tema, significação e um valor apreciativo. Sem acento apreciativo não há palavra e, portanto, toda enunciação compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa*.

Esse aspecto de valor apreciativo é transmitido, no nível mais óbvio, mais superficial, através da *entoação expressiva*, que não pode ser transportada

apenas pelo conteúdo da palavra, necessitando sempre do contexto para se concretizar.

A entoação só pode ser compreendida profundamente quando estamos em contato com os julgamentos de valor presumidos por um dado social, qualquer que seja a extensão deste grupo. *A entoação está sempre na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito.* Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entoação sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. (Bakhtin/Volochínov *apud* Tezza 2003: 198).

A entoação, como um fator preponderante de estabelecimento de sentido, encontra seu meio mais profícuo na oralidade dos enunciados concretos e, nesse sentido, em relação a *Desenredo*, embora sendo um texto escrito, não restam dúvidas de que se trata-se de um “caso”, uma das formas da literatura oral. O conto assume esse tom logo no início: “Do narrador a seus ouvintes” (p. 38). E (minúscula, sem ponto) por todo ele presenciamos marcas discursivas da narrativa oral, a começar pelo assunto do conto: a vida alheia, o caso de traição de uma senhora casada e Jó Joaquim, bem ao gosto popular.

A marca de oralidade também se faz presente nos termos “sem mais cá nem lá” (p. 38) e em “**diz-se**, também, que de leve a ferira, leviano modo” (p.38 – grifo nosso). O narrador aí assume a posição do contar que vem do disse-me-disse. E ainda, quando Jó decide reverter o assunto, contrariando o público pensamento, o faz no mesmo contexto, na mesma entoação, ou seja, no mesmo lugar social preenchido pelos valores sócio-histórico-ideológicos de antes: “Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja” (p. 40). Essas marcas não deixam dúvidas sobre a entoação expressiva que perpassa o texto e nos traz a ideologia própria das cidades provincianas em que a fidelidade feminina é algo extremamente considerado e valorizado e a imagem construída dessa mulher é vital para o homem que a possui e para ela própria. É uma imagem

construída a partir de construção religiosa, originária na bíblia, em que, no mito de Adão e Eva, Eva é a culpada pelo pecado de Adão: “Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. [...] Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir e Eva nascer.” (p. 38). No entanto, Jó Joaquim ousou subverter o curso natural da vida, pois “A tempestade nada tem a ver com a bonança” (p.39). A inversão do ditado, no conto, sugere a postura do protagonista em recusar os sentidos e as determinações prévias estabelecidas socialmente através da linguagem. Jó desprezou a verdade linear trazida pelas construções já estabelecidas e propôs outra estória, fez um desenredo.

Considerando a atitude, a resposta de Jó Joaquim, é pertinente aprofundarmos um pouco mais o conceito bakhtiniano de autoria, que é tão ilustrado no conto e, para tanto, é necessário antes explicar, mesmo que brevemente, o conceito de ato responsivo.

Para Bakhtin (1997) a construção do sentido, do que é verdadeiro, compreende uma postura inerente ao sujeito ao realizar um ato. Usa a palavra *fidelidade* (ser-verdadeiro-para) a fim de expressar a posição da consciência na unicidade do ato. Isso significa dizer que a verdade, como já mencionado antes, não é uma categoria universal e anterior, mas ela se faz no processo de experimentar e pensar o mundo. Há a necessidade de considerar a atitude participativa do sujeito, pois: “Não é o conteúdo de uma obrigação que me compromete e obriga, mas minha assinatura debaixo dela, o fato de que alguma vez eu tivesse reconhecido e assinado a obrigação do pagamento.” (Bakhtin 1997: 46 – tradução nossa)³. É a atitude concreta do sujeito enquanto um autor responsável do ato que promove a construção do sentido, do que é verdade. O sentido, a verdade, faz-se na relação; o conteúdo do ato é apenas um de seus constituintes, que não pode ser visto sem a ação participativa, interessada, do sujeito. Dessa maneira, sempre que se instaura uma verdade,

3. “No es el contenido de un documento de pago lo que me compromete y obliga, sino mi firma debajo del documento, el hecho de que alguna vez yo hubiese reconocido y firmado dicha obligación de pago.” (justificar margem à direita)

um sentido, tem-se ali o posicionamento de um sujeito, um interesse, uma intencionalidade, uma responsabilidade.

Em toda parte havemos de encontrar uma permanente unidade na responsabilidade – não a permanência de um conteúdo, nem uma lei permanente do ato, posto que todo o conteúdo, é só um momento constituinte – mas um autêntico fato de reconhecimento, um reconhecimento, um fato único e irrepitível, emocional e volitivo, concretamente individual. (Bakhtin 1997: 46)⁴.

Essa arquitetônica do ato, proposta por Bakhtin – enquanto uma realidade que engloba seu conteúdo, seu processo e a entonação apreciativa/avaliativa –, traz em si a perspectiva de que o valor, a verdade, faz-se na interação, isto é, sempre que o sujeito realiza um ato – o que significa não apenas dizer, mas compreender, entender, aceitar, conhecer, enfim, o processo cognitivo/criativo –, ele o faz de uma determinada posição, imprimindo aí um certo valor que não é universal, anterior, mas se faz exatamente nesse processo, e é nesse processo de realização que o sujeito também se realiza. É a inclusão da responsabilidade nesse processo que constitui a verdade da situação. Em outras palavras, a experiência é sempre executada por um sujeito em uma determinada posição que lhe imprime valor e confere sentido a partir da interação com o mundo dado, num processo único e irrepitível. Bakhtin não deixa dúvidas de que há uma impossibilidade de dissociar o agente, o sujeito, desse processo de realização do ato. O que está por trás da unidade da consciência responsável não é um princípio como ponto de partida, verdades ou categorias anteriores, mas é a própria ação do sujeito, o reconhecimento, a participação nesse ato que faz com que o sujeito se faça, constitua-se numa atitude responsiva/responsável e única. “Tudo o que posso realizar jamais será por nada ou por ninguém

4. En todas partes hemos de encontrar una permanente unidad en la responsabilidad – no la permanencia de un contenido, ni una ley permanente del acto, puesto que todo el contenido es sólo un momento – sino un auténtico hecho de reconocimiento, hecho único e irrepitible, emocional y volitivo, concretamente individual. (Bajtin, 1997, p. 46).

realizado. A singularidade do ser presente é irrevogavelmente obrigatória.” (Bakhtin 1997: 48 – tradução nossa)⁵. Assim, o não *álibi*, não estar isento de responsabilidade no ser/estar/fazer no mundo, decorre do fato de que o sujeito, ao se colocar no mundo através da linguagem e nela se realizar, faz isso de um lugar único, irrepetível, singular, só. Nessa singularidade, nessa assinatura única, irrepetível, encontra-se o dever, a condição inescapável de agir de um lugar próprio, de construir sentido. Esse não *álibi*, essa unicidade, faz-se em todo o processo de realização de ser, estar e fazer no mundo (pensado ou expresso). Somente o caráter de responsabilidade, o tom emocional-volitivo, que expressa um reconhecimento do posicionamento participativo, não-indiferente do sujeito, é que permite a transição da possibilidade/potencialidade para a realidade do ato discursivo, autorizando, por assim dizer, a vinculação entre o mundo dado e o mundo apreendido.

Assim, a linguagem é uma atividade que emerge do processo interativo numa atitude responsiva, valorativa e única em relação à realidade, ao mundo. O ato discursivo é sempre uma resposta que comporta uma responsabilidade, uma tomada de posição, expressa no tom apreciativo e valorativo. Estar na linguagem, construir sentidos implica sempre uma atitude interessada, participativa e que denuncia uma autoria, uma assinatura, uma responsabilidade inerente ao ato discursivo, revelando sua posição em relação ao outro e ao mundo.

Dessa maneira, partindo dos fatos de que a enunciação se faz com, no mínimo, dois interlocutores (mesmo que um interlocutor seja subentendido, presumido) e de que a palavra sempre estará na zona fronteira entre os interlocutores, constituindo o produto da interação dos interlocutores e carregando em si os fatores sócio-histórico-ideológicos, qualquer ato de fala, qualquer enunciação é sempre parte de um imenso diálogo estabelecido na vida, é sempre uma resposta, uma maneira de ser/estar/fazer no mundo.

Bakhtin, a esse respeito, compara a enunciação a uma ilha emergindo de um oceano infundo que é o discurso interior. As dimensões dessa ilha são

5. “Todo lo que yo puedo realizar nunca ni por nadie puede ser realizado. La singularidad del ser presente es irrevocablemente obligatoria.” (Bajtin, 1997, p. 48).

ajustadas de acordo com as condições da enunciação e por seu auditório, ou seja, dependerão sempre do contexto social, das condições de produção da enunciação, isto é, para quem, com quais formas possíveis de interação, com que intenções a resposta, a enunciação, o ato discursivo ocorrerá. Desse modo vemos Jó Joaquim como sendo um sujeito que se coloca no mundo, fazendo emergir de seu lugar único uma resposta responsiva a um contexto social no qual quer intervir.

É importante considerar, aqui, a concepção de sujeito encontrada no pensamento bakhtiniano. O Círculo de Bakhtin não deixa dúvida de que sua teoria aborda uma filosofia moral do sujeito no sentido de colocar a inexorabilidade do sujeito em ser responsável, responsabilidade que se concretiza na linguagem, que promoverá sempre um mundo a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as ideologias, as relações socialmente organizadas, que por sua vez serão determinantes na constituição do sujeito que se colocará, pensará o mundo não de forma fortuita, mas vinculado ao fator social. Nessa concepção, não há como separar a linguagem do sujeito, da vida, do mundo e, se podemos dizer, da ética.

Assim, a consciência funda o sentido no ato discursivo, na ação de se colocar no mundo através da linguagem, ancorando em si, de forma irrevogavelmente vinculada, o conteúdo sentido numa atitude responsiva/responsável. A verdade e a autoria se instauram no ato/ação (precisa dos dois?) responsável. O sujeito e sua capacidade de produzir enunciados concretos só podem ser pensados dentro de uma singularidade, pois ser autor só é possível no próprio ato realizado, na ação participativa, interessada, responsável, como podemos notar na resposta de Jó Joaquim, evidenciando um posicionamento, um lugar, uma intencionalidade.

Convém considerar, assim, que esse ato responsivo inclui não só a resposta, o colocar-se em relação ao mundo, ao outro, mas também uma responsabilidade, ou seja, inclui uma autoria, uma assinatura que não é expressão deliberada subjetivamente; ela revela a posição única do sujeito, no entanto esse processo não é determinado individualmente, é uma contingência da linguagem, não há como ser de outra forma, não há como não assinar,

não se responsabilizar, não há *álibi*. Estar no mundo significa estar no âmbito da linguagem, significa ser convocado a pensar o mundo e, portanto, todo pensamento, todo ato implica essa responsividade.

Bakhtin, ao tomar a tonalidade-volitiva como um dos componentes constituintes inalienável do ato discursivo, aponta para o caráter da valoração, da entonação apreciativa que é inerente à linguagem, a atitude responsiva do ato, uma vez que o simples fato de dizer algo a respeito de um objeto já implica uma posição, uma certa atitude perante ele. “Tudo que é o efetivamente Experienciável (vivenciável) como algo dado e como algo a ser ainda determinado tem entonação, possui um tom emocional-volitivo, estabelece comigo uma relação ativa na unidade do evento que nos abarca.” (Bakhtin 1997: 40 – tradução nossa)⁶. Assim toda palavra pronunciada já expressa uma atitude valorativa. Essa intencionalidade dialoga, vincula-se ao caráter de entonação presente no ato na sua característica responsiva-responsável. Segundo Bakhtin, somente o tom emocional-volitivo permite a realização de qualquer conteúdo, de qualquer pensamento, ou seja, somente o tom emocional-volitivo – o que podemos considerar sinônimo de intencionalidade – é que possibilita o experimentar ativo e propicia o ato responsivo/responsável, uma vez que é, não a indiferença, mas a atitude participativa, valorativa, que afirma o pensamento, realiza o ato.

Um verdadeiro pensar concebido como ato é o pensamento emocional e volitivo (participativo, interessado), o pensamento entonado (apreciativo), e esta entonação penetra substancialmente todos os momentos do conteúdo do pensamento. Um tom emocional e volitivo abarca todo o conteúdo semântico do pensamento no ato e o relaciona com o evento singular do ser. (Bakhtin 1997: 41-42 – tradução nossa)⁷.

6. “Todo lo efectivamente vivenciable se vive como dación-planteamiento, se entona, posee un tono emocional y volitivo, entabla conmigo una relación activa en la unidad del acontecer que nos abarca.” (Bakhtin 1997:40).

7. Un verdadero pensar concebido como acto es el pensamiento emocional y volitivo, el pensamiento

A autoria é inerente ao ato discursivo, responsável, sem *álibi*, no entanto nem sempre é fácil aos atores desse ato se darem conta da assinatura que deixam nos processos interativos de que participam, colocando a linguagem a seu favor, fazendo intervenções “soberanas”.

Pode ser lida na trajetória da personagem Jó Joaquim a autoria, na perspectiva bakhtiniana, enquanto um sujeito que se concretiza no ato discursivo e assume, sem *álibi*, um tom, uma posição, pois ele deliberadamente toma as possibilidades da linguagem assumindo o leme, a direção aonde quer chegar. Ele põe ali a sua assinatura de maneira consciente.

Jó Joaquim chegou à essência da linguagem, compreendeu seu caráter moldável e colocou-a a serviço de si mesmo, o que não é, de modo geral, processo simples e fácil: “[...] não era tão fácil como refritar almôndegas” (p.40). Normalmente há um fracasso em todos nós, quase sempre sucumbimos às palavras, elas nos atemorizam, nos humilham, nos dilaceram e, por vezes, nos matam em nossas interações. Mas Jó Joaquim – não de maneira gratuita, pois seu nome carrega uma herança, a persistência de Jó⁸ –, por perceber de forma genial o mecanismo de construção na interação em que opera a linguagem: “O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos” (p.40). E assim, percebendo o poder criador da língua, faz a palavra faz com que a palavra lhe dê honradez, amor, orgulho, alegria, felicidade, vida:

Desejava ele, Jó Joaquim, a felicidade – idéia inata. Entregou-se a remir, redimir a mulher, à conta inteira. [...] Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria descaluniá-la, obrigava-se por tudo. (p. 39).

entonado, y esta entonación penetra sustancialmente en todos los momentos del contenido del pensamiento. Un tono emocional y volitivo abarca todo el contenido semántico del pensamiento en el acto y lo realaciona con el acontecimiento singular del ser. (Bajtín, 1997, p. 41-42).

8. Jó, personagem do Velho Testamento conhecido por tudo suportar e não desistir, demonstrando paciência e resignação.

Jó Joaquim retira as máculas da mulher, constrói-lhe outra túnica de verdade e

[...] produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. [...] Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos. (p. 40).

E até a mulher, sabendo-se nua e pura, retorna sem culpa, transformada em mulher amada e fiel, pois, como asseveram Bakhtim/Volochinov: “uma vez materializada, a expressão exerce um efeito reversivo sobre a atividade mental: ela põe-se então a estruturar a vida interior, a dar-lhe uma expressão ainda mais definida e mais estável.” (1988: 118). Livíria, Rivíria, Irlívia, a partir de uma nova expressão transforma-se em Livíria, ou seja, não é a atividade mental que organiza a expressão, mas ao contrário, é a expressão que modela e orienta a atividade mental. Nessa perspectiva o sujeito se define em relação a si mesmo e ao mundo a partir do que fala e do que o outro fala, constitui-se na interdiscursividade. A transformação de Livíria é a metáfora desse processo, deflagrado por Jó Joaquim. Evidencia uma autoria, intervindo, de forma única, singular, na realidade, (nova frase; definir sujeito) assinou responsivamente um mundo para si e a partir dele quis estabelecer uma realidade de consenso: Vilíria era a mulher amada, fiel e amorosa. Tomando a mulher como objeto, transforma-a em outro sujeito, num jogo dinâmico de sujeito X objeto em que as fronteiras entre um e outro são diluídas, e, ao que parece, o vitorioso e senhor, nesse caso, é Jó Joaquim, por duas razões bem justas: primeiro porque o que o move é o amor, segundo porque usa genialmente a inteligência para colocar a linguagem e o destino a seu favor.

Há um tom de fábula no conto de Rosa, o amor é o grande mote para a criação de mundo, é o que nos salva do fracasso da realidade: “Haja o absoluto amar – e qualquer causa se irrefuta” (p.40). E há um tom de ata, passa-nos o atestado de que assim ocorre de fato com a linguagem, as verdades são

colocadas onde se quer estabelecer determinados valores: “o real e válido, na árvore, é a reta que vai pra cima” (p. 40). O texto é lido, aprovado em consenso, assinado, assumindo o valor de verdade. Assim ele se apresenta e a todos se impõe. Atas e fábulas, verdades e mentiras.

Jó Joaquim buscou outro curso, outro enredo além daquele que lhe foi dado *a priori*, pois percebeu que viver não é preciso, não tem variantes antecipadas que permitem um cálculo exato das probabilidades. É assim que Jó navega nas possibilidades infundas da linguagem: “Todo abismo é navegável a barquinhos de papel” (p.38), recusa o que estava dado e acabado propondo outros dados, outra linguagem, outro mundo, lançando ao mundo um desenredo, assinando uma autoria única, irrevogavelmente responsiva, responsável.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. 2010. O autor e a personagem. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

_____; Volochinov. 1988. *Marxismo e filosofia da linguagem* – Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo. Hucitec.

BAJTIN, Mijail. 1997. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores: y otros escritos. Universidad de Puerto Rico.

BENVENISTE, Émile. 1988. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, SP: Pontes: Ed. da Unicamp.

BRAIT, Beth. 2011. Análise e teoria do discurso. In: Beth Brait (Org). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.

ROSA, João Guimarães. 1969. *Tutaméia – Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio.

TEZZA, Cristovão. 2003. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o Formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco.